



# Entrevista Rita Ferreira

(Óbidos, n. 1991)

**Nasceu em 1991, como foi o seu percurso até chegar aqui? Onde se formou e quando?**

O ensino secundário fiz nas Caldas da Rainha, na Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro e aí enveredai no curso de artes visuais, depois, estive na dúvida entre arquitetura e pintura, mas no último trimestre decidi que ia para pintura, para a Faculdade de Belas-Artes. Assim, vim para Lisboa, e acabei o curso em 2013.

**Considera que a Bolsa Jovens Criadores do Centro Nacional da Cultura (2016) teve impacto no seu trabalho?**

Claro que sim. Foi a primeira vez que eu fiz uma candidatura para este tipo de apoio, com um projeto para ser financiado e ter a possibilidade de ser concretizado com apoio exterior e não com o meu dinheiro. Mesmo que o valor não tenha sido muito, porque a bolsa foi dividida por vários artistas, a verdade é que deu para alavancar e ter acesso a materiais.

**Desde quando trabalha no Atelier 46 dos Coruchéus?**

Desde maio de 2020.



**Qual a relação que o complexo dos Coruchéus tem na sua vivência diária?**

Foi a primeira vez que eu tive um atelier só meu. Antes tinha estado em espaços de lojas, muito interiores, sem muita luz natural, sem toda esta envolvência. Agora, é sempre uma motivação extra vir para o atelier. Às vezes, quando estamos em processos criativos mais complicados, é sempre tranquilo estar aqui, com esta envolvência, não há muita confusão, mas não se deixa de estar dentro da cidade e com acessos facilitados. Foi incrível poder ter esta oportunidade e poder trabalhar aqui, com estas condições, porque o espaço é ótimo.

**Aproveita o espaço exterior nos momentos de pausa?**

Sim, aproveito. Não tanto para trabalhar, mas quando preciso, vou ao jardim beber um café ou dar uma volta, depois volto outra vez para o atelier. Normalmente vou ao quiosque, à Dona Gina, beber um café. Para os momentos de pausa é ótimo.

**Que efeito têm estes momentos de pausa no desenvolvimento posterior do trabalho?**

Têm interferência no sentido em que às vezes é preciso fazer uma pausa no que estamos envolvidos e isso dá-nos um certo distanciamento do trabalho que está em processo. É diferente estar num espaço em que podemos parar o trabalho, refrescar um pouco neste tipo de contexto e de tranquilidade, do que se estivesse inserida numa zona mais agitada. Aqui o ambiente é habitacional, supertranquilo. São as pessoas do bairro que aqui vêm.

**Como interpreta o espaço arquitetónico onde trabalha?**

Quando me mudei para aqui tinha momentos de deslumbramento aqui no espaço do atelier, porque as janelas eram enormes, porque a luz era imensa. As janelas quase que pareciam ecrãs de cinema, para ver os vizinhos e o que se passava lá fora. Isso foi uma experiência completamente diferente face às experiências que eu tive anteriormente. O espaço de trabalho, por si só, é bonito e atraente, no sentido em que se pode vir para aqui, mesmo que não seja para trabalhar. Não deixa de ser um bom lugar para se vir pensar no trabalho, ou para estar a ler, não é de todo um espaço desconfortável, é, pelo contrário, um espaço de conforto.

**É um espaço que te exigiu alguma adaptabilidade, por não ser comum aos outros espaços onde estiveste.**

Sim, sim. Ainda hoje, para a prática de trabalho que faço, às vezes preciso de usar um retroprojetor e é complicado, porque tenho de arranjar mecanismos para controlar a luz. As janelas são enormes e às vezes a luz é muita.





**E tem este pé-direito muito alto.**

**Aproveita o pé-direito?**

Sim, isso fez toda a diferença. Os espaços onde eu tinha estado anteriormente não eram tão altos como este, então, a partir do momento em que eu vim para aqui, o trabalho começou a ganhar outra escala. Isso foi ótimo. No meu espaço anterior, as telas maiores verticais, tinha de as fazer na horizontal, porque não dava para fazer de outra forma. Aqui tiro partido disso, a produção da Galeria 3+1 foi toda feita aqui, foi a primeira vez em que consegui fazer esta escala de uma forma confortável. Tive outras peças anteriores em grande escala, para a Bienal de Coimbra, mas foram feitas no espaço de um amigo meu. Aqui eu consigo ter em simultâneo cerca de três pinturas, de três metros de altura, todas instaladas. Consigo fazer um layout e ter dinâmica de trabalho, não tenho que estar a trabalhar apenas numa consigo ter vários trabalhos ao mesmo tempo.

**E consegue ter distanciamento?**

Até agora consegui gerir, mas os 3m ou 3m20 têm sido o limite. Não é só por causa do espaço, mas para mim e para os projetos é a medida que me tem feito sentido, mas não me posso queixar o espaço deu muita abertura.

**O teu trabalho é sobretudo bidimensional.**

Sim, mas tem em diversos momentos um carácter instalativo, no sentido em que as pinturas estão instaladas em estruturas ou em dispositivos e assumem uma posição de ocupação do espaço expositivo.

**Mora perto do seu local de trabalho?**

**Como se desloca?**

Moro em Sacavém, mas vou mudar em breve para os Olivais. Desloco-me muito de carro, porque os transportes públicos em Sacavém são um terror, mas espero mudar este hábito em breve.

**E os artistas que trabalham nos Coruchéus têm lugar para estacionar aqui?**

Sim, isso facilita imenso.

**Tem habitação própria ou é partilhada?**

Atualmente divido casa. No sítio onde atualmente moro nem é verdadeiramente habitacional. Eu estive um ano fora do país e, quando voltei, as rendas já estavam muito altas e vim viver para Sacavém. Inicialmente eu vivia na zona da Almirante Reis. Em Sacavém, o espaço é uma espécie de loja, convertida em atelier, é um semiestúdio. Depois de ter ganho o concurso da Camara Municipal é que tive acesso ao atelier nos Coruchéus, então o trabalho passou para aqui, e consegui separar a casa do trabalho.



**Face ao panorama nacional e em comparação com os seus pares, considera que tem uma remuneração e condições de trabalho justos?**

Face às condições de trabalho no atelier não posso dizer nada contra, porque os espaços que estão disponíveis para os artistas trabalharem e o valor das rendas, que é simbólico, e isso é incrível. Não me posso queixar. Face à remuneração do trabalho, sou eu, juntamente com a galeria, que definimos um preço. Esse preço é o que consideramos justo, face ao percurso e ao trabalho. Mas sempre tive mais do que um trabalho, sempre tive a necessidade de compensar e de arranjar outras soluções para conseguir estar mais estável. Atualmente as coisas estão um pouco mais estruturadas, porque quando há exposições há *fees* para artistas. Inicialmente, quando comecei a fazer exposições, o valor da produção tinha de englobar a forma como tu sobrevivês e como produzes o teu trabalho. As coisas estão um bocadinho melhores, mas ainda não é o panorama ideal.

**Onde se vê daqui a 10 anos? Em Portugal ou noutro país? Ou neste espaço?**

Gostava de estar em Portugal, porque gosto de viver aqui, mas não sinto que as perspectivas sejam positivas. Acho que é urgente sair, mesmo para o trabalho crescer e o percurso continuar a ser desenvolvido. E é sempre positivo estarmos expostos a outras realidades e modos de fazer, por isso, a minha intenção é sair. É uma coisa que venho a pensar fazer já há algum tempo, mas parece que nunca são as circunstâncias certas, ou porque não estamos minimamente confortáveis economicamente para poder ir viver para outro país ou porque têm sempre surgido projetos aqui e aqui tenho uma estrutura de produção muito mais sólida. Mas a intenção e a vontade é de sair e estudar fora.

**A ideia é manter o atelier e estar um tempo fora?**

Depende, se a perspectiva for ficar sediada noutro país, aí deixo o atelier para que alguém possa ocupar e ter oportunidade de ter este espaço, mas vou ter pena de sair, como é óbvio.

